

A REPRESENTAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA E SEUS PROCESSOS EDUCATIVOS NOS PERÍODICOS BRASILEIROS: UMA AGENDA DE SILÊNCIOS, OMISSÕES E LUGARES COMUNS

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

Universidade de Passo Fundo / Rio Grande do Sul / Brasil
rosimaresquinsani@upf.br

Valdocir Antonio Esquinsani

Universidade de Passo Fundo / Rio Grande do Sul / Brasil
valdocir@upf.br

Resumo

Considerando as sociedades complexas e suas demandas, a mídia é responsável pela construção e circulação de um amplo leque de imagens, códigos e informações, com uma inigualável capacidade de disseminação e alcance de seus conteúdos e representações acerca da realidade social, exercendo indiscutível protagonismo como formadora de opinião. Com base nessa premissa, é lícito indagar como a adolescência brasileira foi representada nos principais periódicos nacionais, ao longo do primeiro decênio do século XXI, e como foram abordados os processos educativos destinados aos adolescentes. Assim, o texto discute, relacionalmente, o conteúdo dedicado às interpretações da adolescência e seus processos educativos na mídia de grande circulação. Para tanto, parte de uma pesquisa qualiquantitativa, ancorada na análise de conteúdo sobre 823 produtos midiáticos, veiculados nos três maiores semanários brasileiros de circulação nacional: *Veja*, *Isto É* e *Época*, no recorte temporal de 2001 a 2011. A partir do exame dos produtos midiáticos, é possível estabelecer leituras sobre ações educativas direcionadas para a adolescência, inferindo o protagonismo da mídia na promoção de determinadas abordagens e interpretações, compondo agenda do que será discutido a partir do momento em que escolhe o que será notícia. Assim, o texto aponta uma série de silêncios, omissões ou interpretações superficiais sobre a adolescência que impregnam as páginas dos periódicos. Por conclusão, assume que, se opiniões são formadas, no contexto da mídia, merecem uma reflexão circunstanciada pela crítica. Destarte, a intenção última do texto incide em contribuir nas crescentes reflexões



acerca da adolescência e sua pluralidade de interpretações e enfoques.

Palavras-chave: Adolescência; Educação; Periódicos; Agenda.

Abstract

Considering the complex societies and their demands, the media is responsible for the construction and circulation of a broad range of imagery, codes and information, with an unparalleled capacity of dissemination and range of its contents and representations towards the social reality, exerting undeniable leadership as an opinion creator. With basis in this premise, it is licit to question how the Brazilian adolescence was represented in the main national periodicals, throughout the first decennial of the XXI century, and how the educational processes destined to adolescents were addressed. Therefore, the text discusses in a relation, the content dedicated to the interpretations of adolescence and their educational processes in the mass media. To achieve this, part of the research was qualiquantitative, anchored in the analysis of the content about 823 mediatic products, transmitted on the three major Brazilian weekly newspapers of national circulation: *Veja*, *Isto É* and *Época*, through the period of 2001 and 2011. Beginning with the examination of the mediatic products, it is possible to establish a perusal about the educational actions directed towards adolescence, inferring the leadership of the media in the promotion of determined approaches and interpretations, composing an agenda of what is going to be discussed starting in the moment that it chooses what is going to be news. Thus, the text points to a series of silences, omissions and superficial interpretations about the adolescence, that impregnate the pages of the periodicals. As a conclusion, it can be assumed that if opinions are formed, in the media context, they deserve a reflection circumstantiated by the critic. In this way, the ultimate intention of the text rests in contributing to the growing reflections related to adolescence and its plurality and angles.

Keywords: Adolescence; Education; Magazines; Agenda.

Argumentos Introdutórios

O Brasil possui, atualmente, 21 milhões de adolescentes, com idade entre 12 e

17 anos (UNICEF, 2011), número considerável de possibilidades, mas também um potencial significativo de vulnerabilidades. Expressos em uma faixa etária volátil, algo legalmente definido entre a infância e a adultez, demandam cada vez mais atenções, políticas e pesquisas, emergindo como argumento temático especialmente para a área da educação.

Desta feita, a pesquisa em tela organizou-se a partir de duas indagações complementares: como a adolescência brasileira foi representada nos principais periódicos nacionais, ao longo do primeiro decênio do século XXI, e como foram abordados, neste corpus documental, os processos educativos destinados aos adolescentes.

Para apresentar repostas a estas questões, a pesquisa fundamentou-se em uma base quali-quantitativa, ancorada na análise de conteúdo sobre 823 produtos midiáticos, veiculados nos três maiores semanários brasileiros de circulação nacional: *Veja* (Editora Abril); *Isto É* (Editora Três) e *Época* (Editora Globo), no recorte temporal de 2001 a 2011.

Tais produtos foram selecionados com base em indexadores, a partir de palavras-chave. No conjunto de reportagens dos semanários escolhidos, foram coletadas e destacadas as que apresentavam uma das seguintes palavras-chave: adolescência e adolescente. Com base nesse critério, chegou-se aos 823 produtos midiáticos.

O foco nas representações (e interpretações) da mídia consubstancia-se no fato de que a mesma tem determinado cada vez mais o ponto de vista das sociedades modernas: “de uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno” (Thompson, 2001, p.19). O discurso da mídia é ponto determinante na composição da agenda das discussões sociais. O cotidiano brota de suas colunas, forjando opiniões e lançando temas aceitos e entendidos como relevantes e dignos de discussão pela sociedade. Ou seja: a mídia é capaz de incluir temas na agenda de debates sociais e, por conseguinte, educacionais, justamente por dar conta “da complexa trama existente entre a linguagem específica em correlação com os sentidos que nela circulam e são construídos, elementos que não se separam do modo de ser e estar, no interior das práticas de produção, veiculação e recepção” (Fischer, 2002, p. 89) configurando os seus produtos em entendimentos coletivos, em consensos provisórios, em supostas unanimidades.



Para efeitos de análise, os textos examinados se alocam na ordem de discurso da imprensa, onde os principais gêneros são: o jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) e o jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha e coluna) (Melo, 1994, p.62).

Ainda como condução metodológica ante o *corpus* documental selecionado, priorizou-se a análise de conteúdo para o exame das reportagens, entendendo que o discurso e os posicionamentos contidos em tais reportagens não são “um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições” (Bardin, 2007, p. 164). Por esta razão, um produto midiático não diz apenas o que está contido em suas linhas requisitando, para sua interpretação, o olhar crítico do pesquisador, olhar de quem “... procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (Bardin, 2007, p. 38).

De tal modo:

“(...) analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto. Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução.” (Fernandes, 2005, p. 22)

Procedimentalmente, as reportagens foram selecionadas especificamente de acordo com critérios afetos ao objetivo da pesquisa: versar sobre representações da adolescência brasileira, abordando, preferencialmente, os processos educativos destinados aos adolescentes.

Foram retirados das reportagens dois tipos de elementos/argumentos: aspectos exteriores, como estrutura do texto e assunto tratado; assim como aspectos intrínsecos, como os argumentos utilizados e as estratégias de convencimento dos eventuais interlocutores. Esses aspectos intrínsecos foram alvo de um exame mais delongado.

Importa, de igual maneira, mencionar que a pesquisa em foco faz parte de um contexto amplo, com o objetivo de levantar possíveis elementos que emprestem relevância – a partir das pautas da mídia –, para composição da atual agenda

educacional, sendo que o texto apresentado consubstancia-se, pois, como parte integrante de um esforço maior de pesquisa, destacando que o termo agenda aparece com relativa frequência na produção acadêmica, sobretudo após os anos 1990. Apesar de ser tratado como termo de consenso, há alguma imprecisão e relação ao que efetivamente se trata quando se evoca o termo 'agenda'. Em geral, o termo é utilizado como sinônimo para pauta temática; planejamento; organização; cronograma de investimento ou ação.

Um dos textos mais esclarecedores sobre o assunto foi escrito por Dale (2001), amplamente citado em outras publicações e considerado uma espécie de 'marco fundador' para o uso e o entendimento do termo agenda. Dale introduz o conceito de Agenda Globalmente Estruturada para a Educação (AGEE) como sinônimo de pauta circunstanciada ou prioridade estabelecida a partir de condições contextuais. Esta pauta ou lista de prioridades envolveria problemas a serem enfrentados; demandas a serem atendidas; objetivos a serem perseguidos e ações de políticas educacionais a serem instauradas.

Carvalho (2007) apresenta esclarecedora definição de agenda quando estabelece a mesma como "uma lista de problemas, assuntos e temas que chamam a atenção do governo e dos participantes visíveis (Presidente, altos burocratas, congressistas e outros) que atuam junto ao governo" (Carvalho, 2007, p. 85). Uma agenda consistiria, portanto, em um conjunto de "questões que são comumente percebidas pelos membros da comunidade política como merecedoras da atenção pública e como assuntos incluídos na jurisdição legítima da autoridade governamental existente" (Carvalho, 2007, p.85).

Mas que motivo justificaria a composição, relativamente consensual, de uma pauta de prioridades e discussões sobre a educação? Grosso modo, entende-se que a definição de uma agenda para a qual concorrem diferentes elementos – como organismos internacionais, governos, academia e também mídia –, auxiliaria na:

"[...] normalização das políticas educativas nacionais, estabelecendo [...] não apenas as prioridades, mas igualmente as formas como os problemas se colocam e equacionam, e que constituem uma forma de fixação de um mandato, mais ou menos explícito conforme a centralidade dos países." (Teodoro, 2001 p. 128)

De forma geral, pode-se dizer que agenda é um termo/conceito relativamente



recente no cenário educacional, tratado como sinônimo para pauta de destaques ou assuntos – que podem ficar no plano meramente discursivo ou consubstanciarem-se em mecanismos efetivos de políticas e administração educacional –, cuja composição sofre interferência de diversos elementos, como a academia, as políticas de governos, as tendências teóricas, as pressões de organismos internacionais e, também, a mídia.

A Mídia e a Composição da Agenda Contemporânea

Considerando as sociedades complexas e suas demandas, a mídia é responsável pela construção e circulação de um amplo leque de imagens, códigos e informações, com uma inigualável capacidade de disseminação e alcance de seus conteúdos e representações acerca da realidade social, exercendo indiscutível protagonismo como formadora de opinião.

Portanto, a escolha do tema sob o foco da mídia não é casuística, uma vez que “as lutas concretas de cada sociedade são postas em cena nos textos da mídia, especialmente na mídia comercial da indústria cultural cujos textos devem repercutir as preocupações da sociedade, se quiserem ser populares e lucrativos” (Kellner, 2002, p. 32).

Ao sabor da cultura da mídia, se há interesse, vendem-se revistas. Se as revistas são vendidas, opiniões são formadas. Se opiniões são formadas, merecem ser construídas e reconstruídas, circunstanciadas pela crítica advinda de uma reflexão teórica e empírica mínima.

Assim, a cultura da mídia é responsável pela construção e circulação de um amplo leque de imagens, códigos e informações. A mídia detém, ainda, uma inigualável capacidade de disseminação e alcance de seus conteúdos e representações acerca da realidade social. Fica claro, portanto, que o impacto social dos conteúdos que ela difunde não pode ser menosprezado.

A mídia, por seu papel nas sociedades contemporâneas, possui o condão de determinar a pauta do que será notícia. Assim, a mídia promove certos temas e compõe a agenda do que será discutido (e, portanto, considerado relevante), a partir do momento em que escolhe o que será notícia. Ao fazer circular tais temas, constroem-se crenças de que estes são os problemas importantes sobre os quais devemos pensar e nos posicionar. Ao decidir o que será notícia, a mídia também decide – de uma certa maneira –, nossos amores, gostos e problemas.

Ininterruptamente, constrói modelos sobre o bem e o mal, o certo e o errado, a justiça, a beleza, a política (e as formas de fazê-la), que podem legitimar ou desqualificar determinadas práticas; evidenciar pontos de vista, tornando-os majoritários, e neutralizar opiniões adversas.

Sobre este assunto Kellner aduz que:

“A cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a Igreja como árbitros de gosto; valor do pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento.” (2002, p. 27)

Assim, os meios de comunicação, de acordo com suas premissas editoriais, selecionam e fazem os recortes sobre o que será divulgado (e como o será), o que impinge ao jornalismo um caráter de detentor de sentidos, produtor de verdades, sobretudo em relação “à mais fundamental conquista da mídia contemporânea, sobretudo a mídia factual: sua capacidade de nos convencer de que o que ela representa realmente ocorreu” (Silverstone, 2002, p. 67).

Importa ressaltar que as revistas são tomadas como documentos de domínio público: produtos sociais tornados públicos que, como diz Peter Spink:

“(...) eticamente estão abertos para análise por pertencerem ao espaço público, por terem sido tornados públicos de uma forma que permite a responsabilização. Podem refletir as transformações lentas em posições e posturas institucionais assumidas pelos aparelhos simbólicos que permeiam o dia-a-dia ou, no âmbito das redes sociais, pelos agrupamentos e coletivos que dão forma ao informal, refletindo o ir e vir de versões circulantes assumidas ou advogadas.” (1999, p. 136)

Através das páginas de uma revista semanal, exemplarmente, a mídia pode ser capaz de produzir desdobramentos para os seus discursos, consubstanciados em certezas: formação de opinião. Através dos seus discursos sobre os mais diferentes temas, a mídia forma opiniões e condiciona argumentos sobre os temas que lança em pauta.

A mídia encontra-se presente em todo o universo social, plasmando-se as compreensões que o indivíduo faz sobre os elementos da realidade que o cerca, pois



o mesmo absorve as experiências da superfície do mundo, incorporando-as ao seu dia-a-dia (Silverstone, 2002) a partir de um ponto de vista não reflexivo.

Dentro do contexto cotidiano, a mídia informativa (como os jornais e as revistas, por exemplo) é especialmente importante, já que ela se torna — direta ou indiretamente — uma fonte essencial de fornecimento dos recursos de que a população dispõe para informar-se. Assim, aquilo que os meios de informação veiculam ou deixam de veicular é significativo do ponto de vista da percepção da realidade social que está disponível para os consumidores.

Esta lógica 'informativa' vem no bojo do próprio conceito de jornalismo e dos ideais a partir dos quais ele foi inspirado...

“(...) o jornalismo é a síntese do espírito moderno: a razão (a verdade, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso e no aperfeiçoamento contínuo da espécie.” (Marcondes Filho, 2000, p. 9)

A ideia gênese é de um conhecimento, um saber (a notícia, a informação, a fala de alguém que por alguma razão aguce a curiosidade e/ou a expectativa) que circule de forma mais ou menos livre (Marcondes Filho, 2000), o que gerou a chamada 'mitologia da profissão', ou seja, o mito de que o veículo de comunicação (o jornalismo e o jornalista, por conseguinte) é objetivo, imparcial e tem um compromisso com a verdade (Silva, 2001, p. 9). Já Marcondes Filho (2000, p.09) soma mais um a estes mitos: o mito da transparência simbioticamente ligado ao mito da isenção. Silva diz, por exemplo, que isenção é o "... nome que se dá à opinião que recebe o apoio de um grupo em condição de fazer valer as suas ideias em determinada situação" (2001, p. 35).

Todavia, a relação da mídia com o campo da educação é eivada por uma série de percalços, argumentos e contra-argumentos que definem, indelevelmente, a agenda da educação no próprio movimento de contradição, pois...

“Educação e Media são campos de formação de conceitos, preconceitos, consciências, subjetividades e áreas construtoras privilegiadas da opinião pública. Pois, além de tratarem de cultura, de valores e informação, são campos também veiculadores de ideologia, uma vez que utilizam em suas ações a linguagem. E ao utilizar-se o signo linguístico para construir processos de

significação, tanto o campo Mediático, por meio de seus agentes, os jornalistas – , quanto as Ciências da Educação, por meio dos professores e investigadores, estão agindo nos campos da ideologia e do poder. Tais sujeitos se constituem em ideólogos e agentes de conhecimentos autorizados em suas respectivas áreas.” (Freitas, 2009, p. 2)

Sendo assim, nos discursos produzidos e em contraposição aos discursos produzidos pela educação, a mídia é capaz de ratificar estereótipos ou, se assim desejar, produzir sentidos que tragam o tema para o centro do debate social mais amplo, formando a agenda da educação.

Como alerta Silverstone (2002, p. 9): “não podemos escapar à mídia [...] ela está presente em todos os aspectos da vida cotidiana” A mídia, através dos seus documentos de domínio público, é capaz de fazer chegar a um maior número de pessoas o debate social acerca da educação nacional, sendo materialmente relevante a apropriação que a mesma faz sobre as avaliações em larga escala, atualmente considerado o tema da 'moda' no que se refere à educação.

Os Caminhos da Empiria: Sobre Pautas e Abordagens

A partir deste ponto, o texto procura discutir o conteúdo dedicado às interpretações da adolescência e seus processos educativos na mídia de grande circulação. Considerando o exame dos produtos midiáticos destacados, é possível estabelecer leituras e tendências sobre ações educativas direcionadas para a adolescência, inferindo o protagonismo da mídia na promoção de determinadas abordagens e interpretações, compondo agenda do que será discutido a partir do momento que escolhe o que será notícia.

Para consolidação desta discussão, o texto aponta uma série de silêncios, omissões ou interpretações superficiais sobre a adolescência, que impregnam as páginas dos semanários e que podem se desdobrar em aspectos exteriores ou extrínsecos e interiores ou intrínsecos.

Em relação às exterioridades ou aspectos extrínsecos, duas situações se sobressaem: o progressivo interesse sobre a adolescência por parte dos semanários examinados, e a presença de dois focos claramente definidos para as abordagens da adolescência: o enfoque social e o enfoque simbólico/cultural.

De tal modo, importa inferir que a adolescência é uma pauta ascendente.



Temáticas afetas ao universo ou aos interesses dos/sobre os adolescentes ganham espaço, de forma progressiva, nas páginas dos semanários. Se no início do período em destaque são relativamente raros os aportes sobre o assunto, a partir dos anos 2005/2006 pululam reportagens sobre a adolescência, seus dilemas, questões e processos educativos.

Ainda no que se refere a questões externas, os produtos midiáticos podem ser classificados, grosso modo, a partir de dois focos: o foco social, forjado a partir de debates relevantes e denúncias pertinentes, dividindo espaço com reportagens voltadas para abordagens acerca do universo simbólico da adolescência, sobretudo em relação ao impacto da indústria cultural (filmes, modas, músicas, costumes...).

Já em relação aos aspectos intrínsecos, é possível identificar assuntos recorrentes e que incidem, direta ou tangencialmente, sobre a adolescência. Tais assuntos foram separados em três categorias: contexto; comportamento e processos pedagógicos.

No que concerne à categoria contexto, a mesma pode ser subdividida em duas dimensões privilegiadas como pontos de pauta: a violência (que inclui, mas não se reduz ao *bullying*) e o comportamento sexual (de risco) dos adolescentes.

É considerável o número de produtos midiáticos que versa sobre a violência. Retratada com as mais distintas cores, a violência impacta diretamente na sala de aula, como no aporte que desvincula a violência na escola da 'natural' rebeldia da adolescência, associando-a a conjunturas sociais mais amplas (Revista *Veja*, Edição 1744, de 27/3/2002, reportagem "Tão violenta como a rua – Megaestudo da Unesco mostra, com estatísticas, que falta segurança nas escolas brasileiras"); passando pelos medos e fobias docentes em relação à atuação com adolescentes indisciplinados (Revista *Veja*, Edição 1904, de 11/05/2005, reportagem "Com medo dos alunos: Provocado pela indisciplina na sala de aula, um distúrbio psicológico se alastra entre os professores: a fobia escolar"), até perspectivas de enfrentamento da questão no âmbito da escola, como em "Simples, barato e eficiente: ao abrirem no fim de semana para alunos e seus pais, escolas reduzem episódios de violência" (Revista *Veja*, Edição 1906, de 25/05/2005).

Mas há, também, outras possibilidades para o trato com o tema, sobretudo no que concerne aos relacionamentos afetivos entre adolescentes, mormente no que diz respeito à naturalização ou banalização de uma cultura de violência 'afetiva', como na reportagem "Elas batem. Eles apanham" (Revista *Época*, Edição 702, de 31/10/2011),

que explora as bases de relacionamentos afetivos entre adolescentes. Há relativa generalização e naturalização de comportamentos violentos, explicados das mais distintas formas mas, em geral, tolerados e tratados como um fato consumado.

Um tema dos mais fortes e que envolve diretamente o contexto atual, a dimensão da violência e os processos educativos, diz respeito ao *bullying*, explorado com mais intensidade nos últimos cinco anos do período em relevo. A reportagem “A tecnologia a serviço dos brutos: Um em cada seis estudantes brasileiros do ensino fundamental já foi alvo de *bullying* no mundo virtual. Isolamento, medo e até depressão são sinais evidentes desse tipo de violência” (Revista Veja, Edição 2163, de 05/05/2012) representa um dos focos preferenciais para o trato com o tema, ou ainda como expresso na reportagem “Como vencer o *bullying*: Um terço dos adolescentes brasileiros diz sofrer agressões e intimidações na escola. Conheça alguns projetos para combater o problema que estão dando certo no Brasil e no Exterior” (Revista *Isto É*, n; 2169, de 01/04/2011).

O seguinte tema contextual que ganha contornos que invadem a escola é o comportamento sexual dos adolescentes, enfocando particularmente a gravidez na adolescência. Seja pela evasão escolar – que a gravidez precoce acaba por causar –, seja por redundar em uma série de outros problemas que atingem a escola, o tema é esporádico, mas continuamente abordado, como demonstra a reportagem “Mãos dadas para a vida” (Revista *Época*, Edição 655, de 03/12/2010), mencionando projetos que visam enfrentar o aumento da gravidez entre as adolescentes no país. De igual sorte, políticas de orientação sexual são problematizadas, como na singular reportagem “Camisinha para todos: Máquinas de preservativos nas escolas expõem a delicada relação entre sexo e adolescência” (Revista *Isto É*, n. 2018, de 09/07/2008), que foca no comportamento sexual de risco dos adolescentes e nas possibilidades de interferência no desempenho escolar.

Outro conjunto de reportagens elabora uma agenda que coloca os diferentes comportamentos adolescentes e sua cultura como ponto de pauta no que se refere à educação, estabelecendo, neste ponto, uma segunda categoria, representada exemplarmente pela reportagem “Existe outra diferença - As meninas dão um banho nos meninos no desempenho escolar e em número de matrículas nos colégios” (Revista *Veja*, Edição 1857, de 09/06/2004), que aborda tangencialmente a adolescência, ao tratar das diferenças de desenvolvimento entre meninas e meninos, ou ainda como em “Tudo ao mesmo tempo – e agora: Pelo computador e pelo celular,



as crianças conversam com vários amigos, jogam videogame e ainda discutem com os pais. Agora você pelo menos sabe o nome disso: seu filho é multitarefas” (Revista *Veja*, Edição 2072, de 06/08/2008), onde são relatadas percepções e explicações sobre as crianças e adolescentes envolvidos em multitarefas, apontando o fenômeno como característico dos tempos atuais.

Outras reportagens, dedicadas a examinar o comportamento do adolescente, inferem diretamente na construção de uma matriz cultural própria, bem como a exploração comercial de tal ‘cultura’ (que resta por repercutir na escola também), tal qual descrito na reportagem “A nova febre colegial” (Revista *Isto É*, n. 1938, de 13/12/2006), versando sobre uma franquia de filmes voltados ao público adolescente e que estaria, na época, provocando comparações descontextualizadas entre as escolas brasileiras existentes e o modelo diverso de escola retratado nos filmes da franquia.

Ainda na seara do comportamento, chamam a atenção reportagens que se configuram também em denúncias sobre a atual geração de adolescentes e seus processos de educação e socialização, seja pela superficialidade e volatilidade das demandas, como expresso na reportagem “A juventude em rede: Como pensam e se comportam os adolescentes de hoje: filhos da revolução tecnológica, eles vivem no mundo digital, são pragmáticos, pouco idealistas e estão mais desorientados do que nunca” (Revista *Veja*, Edição 2100, de 18/02/2009); seja pela incapacidade manifesta por alguns adultos em lidar com estas demandas, como na reportagem “Excesso de proteção faz mal ao seu filho: Boa parte das crianças e adolescentes brasileiros vive como dentro de uma bolha, protegida dos aspectos mais triviais da realidade” (Revista *Veja*, Edição 2160, de 14/04/2010).

Existe uma tentativa explícita de entender a adolescência, caracterizada pela reportagem “O que querem os jovens: da família à política, pesquisa com dez mil jovens revela os ideais da geração que vai mandar no Brasil daqui a 20 anos” (Revista *Isto É*, n.º 2020, de 23/07/2008), onde o conflito geracional é condicionado ao temor do que esperar dos adolescentes, sobretudo em relação à sua suposta incapacidade de traduzir e organizar processos (educacionais, culturais, sociais...) semelhantes aos adultos de hoje.

Há, também, um conjunto de reportagens sobre procedimentos e processos educativos voltados à adolescência – instaurando uma terceira categoria –, como a reportagem que infere situações de formação de leitores e aponta, a partir de uma leitura generalizada da adolescência, empecilhos ou perspectivas para se constituir o

adolescente leitor (Revista *Veja*, Edição 1761, de 24/7/2002, reportagem “O caminho para gostar de ler: o exemplo em casa estimula o gosto pela leitura tanto quanto uma boa história”); ou ainda “Reprovado! Os mais novos números da educação mostram que não dá mais para esperar. É preciso ter o mesmo senso de urgência que houve para enfrentar a inflação” (Revista *Época*, Edição 456, de 09/02/2007), responsável por informar – entre outros elementos – que a média dos adolescentes brasileiros, aos 14 anos, tem sérios problemas de compreensão de texto.

No contexto dos processos educativos, as práticas pedagógicas circunscritas à sala de aula e aos processos formais de escolarização ganham destaque, em especial quando é preciso trabalhar com a peculiaridade da adolescência, de acordo com o exposto, exemplarmente, na reportagem “Tempo de desobediência: Educadores precisam de paciência e estratégias pedagógicas para lidar com a explosão hormonal dos novos adolescentes” (Revista *Isto É*, Edição 2084, de 21/10/2009), que aponta estratégias que podem ser adotadas pelos professores para o trato com a adolescência, tanto para entendê-los, quanto para lidar com eles.

Em relação aos processos educativos direcionados aos adolescentes, também é saliente a divulgação de projetos sociais que visam ‘ocupar’ o adolescente, ou seja, partem do pressuposto que o adolescente não pode ficar sem atividades sistemáticas e educativas constantes, como nas reportagens “Com o gás todo Programa criado por ONG e empresa ensina alunos a cuidar de praças e de reciclagem de lixo” (Revista *Isto é*, Edição 1643, de 28/03/2001); ou ainda “Uma chance ao futuro” (Revista *Isto É*, n. 1732, de 12/12/2002).

A escola e os processos inerentes a esta instituição também são vistos com certo tom salvacionista, como se fosse natural que a passagem pela escola e o investimento crescente em educação pudesse reorganizar uma geração de jovens com suas dúvidas, angústias e desilusões, como exposto na reportagem “Educação é a saída” (Revista *Isto É*, Edição 1874, de 14/09/2005). Semelhante tom salvacionista também acompanha a reportagem “A ajuda que vem da escola” (Revista *Isto É*, Edição 2068, de 01/07/2009), tratando sobre a orientação vocacional como elemento para auxiliar a organizar o futuro profissional dos adolescentes (em geral de camadas sociais abastadas).

Há, aqui, uma nítida separação entre processos educativos voltados para adolescentes das camadas de alto risco e vulnerabilidade social, que devem ser estimulados a ocupar-se, preferencialmente antecipando o mundo do trabalho e



qualificando a escola básica; e os processos educativos voltados para as camadas mais abastadas, estimulados a escolher adequadamente sua vocação ou carreira profissional. Parece haver aqui uma preocupação distinta com os futuros empregados e com os potenciais patrões, mas ambas construídas dentro das crises típicas da adolescência e seus enfrentamentos.

Os produtos midiáticos apresentam certa tolerância à coexistência de dois tipos de processos educativos para a adolescência: os processos educativos para adolescentes pobres; e os processos educativos para adolescentes abastados, igualmente tolerando duas direções e finalidades distintas para tais processos.

Se tomados circunstancialmente, os temas tratados são de inegável materialidade. Todavia, quando organizados para os objetivos propostos no texto em tela, representam uma tendência específica e um direcionamento ao debate, forjando perspectivas pelas quais poderão ser compreendidos tanto a adolescência, quanto suas peculiaridades como fase da vida e do desenvolvimento humano.

Considerando que os semanários são uma importante fonte de informação da qual dispõe o cidadão comum, é de se supor que este mesmo cidadão constituirá uma leitura da adolescência balizada pelos referenciais e roteiros da mídia, independente das materialidades e peculiaridades do seu próprio cotidiano. Assim, naturalmente perceberá esta adolescência como displicente; partidária de comportamentos sexuais de risco; violenta; indisciplinada; sem direcionamento específico para o futuro e condicionada a processos educativos duais, bem ao gosto da agenda elaborada pelos veículos de comunicação examinados.

Ainda assumindo a possibilidade material de que tais pautas sejam – em grande medida – verdadeiras, o perigo reside nas generalizações desta agenda; bem como nos assuntos omissos, que compõem o universo e a cultura adolescente, mas que não figuram como preocupação dos produtos midiáticos selecionados, em especial as novas possibilidades pedagógicas para a educação formal dos adolescentes e, em particular, olhares e perspectivas considerados a partir do próprio adolescente como sujeito da ação.

Conclusão

Com base na premissa de que “no atual momento da história é a ‘mídia’ que tem o potencial de construir socialmente uma agenda pública (*agenda-setting*) de

assuntos, temas, personalidades e fatos sociais além da abordagem (enquadramentos) sobre cada um destes assuntos” (Cruz, 2011, p. 36), o texto assume a condição da mídia como organizadora de pautas sociais, especialmente em relação à adolescência. Com base nessas pautas, é igualmente capaz de forjar assuntos relevantes e omitir outras abordagens.

Na análise de conteúdo empenhada ante ao *corpus* documental formado – resguardadas as distintas linhas editoriais dos semanários –, é possível perceber tendências e focos nas abordagens da adolescência brasileira. Assim, dentro do protagonismo ascendente que o tema adolescência assumiu, nos primeiros dez anos do século XXI, há aspectos reiterados e aspectos silenciados.

Dentre os aspectos reiterados, o comportamento do adolescente é, constantemente, instado a fazer parte da pauta editorial. De igual sorte, aspectos como a violência (em diferentes dimensões) e o *bullying* também estão presentes. A cultura adolescente tem sido tempestivamente tratada, especialmente quando indica as tendências de interpretação e entendimento desse grupo.

No que diz respeito aos processos educativos, há indicativos do reforço a uma educação dual para essa faixa etária: ora vista como em situação de risco e vulnerabilidade social, merecendo programas, ações e políticas que preparem seu futuro; ora vista como uma fase de transição e indefinições, que necessita da compreensão dos pais, dos educadores e da sociedade, tendo esmiuçados e analisados seus interesses e vocações.

No que concerne aos silêncios, omissões ou interpretações superficiais sobre a adolescência, são ressentidas temáticas como: propostas pedagógicas para a escolarização formal de adolescentes (independente de sua classe social); bem como argumentos em torno dos processos de aprendizagem e dos resultados das avaliações em larga escala no contexto da adolescência.

A perspectiva, o olhar do adolescente sobre ele mesmo também é bastante reduzido no conjunto de produtos midiáticos examinado. Exemplarmente, há apenas três reportagens que falam sobre as crises típicas da adolescência sob a perspectiva do adolescente e as soluções que o mesmo encontra para estes períodos, como na reportagem “Suicídio.com” (Revista *Época*, Edição 508, de 11/02/2008).

Pouco se menciona a adolescência como grupo social específico, com seus próprios sonhos e vontades. Em geral a adolescência está condicionada à preparação



e ajuste ao mundo adulto, donde os processos educativos servem apenas para conduzir as necessárias adequações e encaminhar cada grupo de adolescentes ao seu 'destino' final no mundo adulto já organizado.

Por fim, assume que, se opiniões são formadas, no contexto da mídia, merecem uma reflexão circunstanciada pela crítica. Destarte, a intenção última da pesquisa e, por conseguinte, do texto produzido, incide em contribuir nas crescentes reflexões acerca da adolescência e sua pluralidade de interpretações e enfoques.

Referências Bibliográficas

- Bardin, Laurence (2007). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Carvalho, C. H. A. (2007). Agenda neoliberal e a política pública para o ensino superior nos anos 90. *Diálogo Educacional*, 7(21), p. 83-101.
- Cruz, M. (2011). A mídia e os formadores de opinião no processo democrático. *Revista Ponto-e-vírgula*, (9), 35-51.
- Dale, R. (2001). Globalização e educação: demonstrando a existência de uma cultura educacional mundial comum ou localizando uma agenda globalmente estruturada para a educação? *Educação, Sociedade & Culturas*, (16), 133-169.
- Fernandes, C. A. (2005). *Linguística: Análise do discurso – reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas.
- Fischer, R. M. B. (2002). Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em Educação. *Revista Brasileira de Educação*, (20), 83-94.
- Freitas, A. F. R. (2009). Mídia e educação: campos em conflito em Portugal. In *Anais da 32a. Reunião Anual da ANPED*, Caxambu, MG: ANPED.
- Marcondes Filho, C. (2000). *Comunicação e jornalismo: A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker editores.
- Melo, J. M. (1994). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola.
- Silva, J. M. (2001). *A miséria do jornalismo brasileiro: As (in) certezas da mídia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes.
- Spink, M. J., & Medrado, B. (1999). Produção de sentido no cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas *discursivas*. In M. J. P. Spink (Ed.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (pp. 41-61). São Paulo: Cortez.
- Teodoro, A. (2001). Organizações internacionais e políticas educativas nacionais: e a



emergência de novas formas de regulação transnacional, ou uma globalização de baixa intensidade. In S. R. Stoer, L. Cortesão, & J. A. Correia (Eds.) *Transnacionalização da Educação: da crise da educação à “educação” da crise* (pp. 125-161). Porto: Edições Afrontamento.

Thompson, J. B. (2001). *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. 3.ed. Petrópolis: Vozes.

UNICEF (2011). *Relatório Situação da Adolescência Brasileira 2011– O Direito de Ser Adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades*. Fundo das Nações Unidas para a Infância. – Brasília,: UNICEF.

Fontes

Revista *Isto É*, Editora Três (2001-2011)

Revista *Veja*, Editora Abril (2001-2011)

Revista *Época*, Editora Globo (2003-2011)